

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Jonas Farias de Barros

Voltaire e a Tolerância

Área de Pesquisa: Ética e Filosofia Política.

São Paulo 07 de agosto de 2014

VOLTAIRE E A TOLERÂNCIA

1. Introdução

O presente trabalho trata da militância do filósofo Francês Voltaire em prol da tolerância. Ele defendeu a liberdade de expressão e crença, bem como a separação de Estado (exclusivamente para governar o povo) e Religião (para governar apenas as almas') (NASCIMENTO, 1993, p. 10). Foi influenciado por Locke, ao ler *A carta a cerca da Tolerância*.

Voltaire criticou o fanatismo dos padres e o despotismo do clero. A religião cristã dentre todas as seitas era a mais criminosa e os padres os culpados. Uma sociedade convivendo com uma única religião era uma sociedade déspota, mas sábia e democrática, quando permitia a pluralidade (NASCIMENTO, op. cit., p. 52-54 passim.).

Voltaire discutiu a questão da tolerância em suas diversas obras, tais como: *Tratado sobre a Tolerância*, *Túmulo do Fanatismo*, *Dicionário Filosófico*, *O Filósofo Ignorante*, *Cartas Francesas*, dentre outros. Em todos estes trabalhos enfatizou as perseguições religiosas e a inquisição, por parte da Igreja Católica, que ainda se faziam presentes em pleno século XVIII. Por tais críticas foi trancada por duas vezes na Bastilha, exilado na Inglaterra e Holanda e presenciou por várias vezes seus livros serem queimados em praça pública, como foi o caso das Cartas Inglesas em 1794. Por tais escritos, a Religião Católica o condenou como herege e proibiu-lhe, inclusive de ser sepultado em solo Francês após sua morte (NASCIMENTO, 1993).

2. Objetivo

Diante do exposto, o objetivo deste projeto é mostrar aquilo que Voltaire denominou como *“Esmagai a Infâmia”*, que nada mais era do que o combate a qualquer espécie de Intolerância, que interferisse na vida do homem em sociedade, na educação, na cultura e até na elaboração de boas leis para reger os súditos. Em suma, era o combate a qualquer autoritarismo que levassem os homens ao declínio do esclarecimento (CRONK, 2010, p. 63).

3. Problemática

Maria das Graças Nascimento, nos ensina que o termo *Esmagai a Infâmia*, apresentado por Voltaire, tinha como intuito demonstrar que o fanatismo dos ateus era tão temível, quanto ao fanatismo dos supersticiosos e a dos religiosos. Aliás o ateísmo e o fanatismo são os dois extremos da loucura humana. Esta teoria lhe proporcionou um combate intelectual acirrado com Pierre Baile(1647-1706), que afirmava que uma sociedade de ateus poderia ser virtuosa e feliz e ser muito melhor que a dos crentes, mas Voltaire o rebatia dizendo que a religião era um freio moral, afirmando que se todos seus criados tivessem uma, os patrões com certeza seriam menos roubados (apud, Nascimento, 1983,p.52;63).

Neste mesmo contexto histórico, as próximas críticas de Voltaire foram destinadas aos materialistas, que baseados numa suposta ciência diziam que Deus não era o responsável pela criação do Mundo.

O cientista Inglês, John Needhan (1713-1781) acreditou ter visto na fermentação da farinha a geração espontânea de micro-organismos. Paul-Henri Thiry, o Barão d'Holbach (1723-1789) foi investigar os fatos e acrescentando água à farinha, e verificou, através de microscópio rudimentares à época, que a mistura havia produzido seres organizados e concluiu que a matéria bruta pode por si mesma passar à vida. Voltaire interferiu dizendo, que era impossível a matéria se organizar por conta própria. O mais plausível seria acreditar num ser supremo, como sendo a causa primeira do universo (Ibid.,p.,88).

A filosofia de Voltaire admiti um Deus, como causa primeira do universo, mas não aprova o estabelecimento de uma seita que queira ser senhora única da razão, o correto é que houvesse pluralidade de seitas, para que se ter pluralidade de discussões e de pensamentos, como ocorre havia na filosofia e nas ciências, as quais permitiam a pluralidade de discordâncias.

No pensamento de Voltaire existe um Deus responsável pela organização do mundo, mas um Deus que não aprova nenhuma espécie de seita. Para este Deus os seres humanos se assemelhariam aos ratos que habitam o porão do navio. O capitão sabe da existência dos ratos no navio, que não interferem no

cotidiano do capitão, assim como os homens não interferem no cotidiano de Deus (Ibid.,p.,7et. seq).

Por fim, Voltaire se opõe à filosofia de Leibniz(1646-1716), o qual pregava uma natureza perfeita. Mas Voltaire em seus Livros, como por exemplo em *O Cândido*, o rebate dizendo que a mesma natureza apresentava efeitos e manifestações desproporcionais, tais como terremotos, catástrofes naturais, crianças monstruosas, que nos leva a concluir que ela não é tão perfeita assim e que a providencia pouco se importa com as consequências nefastas da natureza, para com os vivos na terra. Ademais não poupa críticas aos naturalistas apologeticos, principalmente a Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), o qual acreditava que o espermatozoide era um homem em miniatura. Para Voltaire, uma ciência para ser válida era necessária que se fizesse diversos experimentos para que só assim pudesse elaborar uma teoria sólida (Ibid.,p.,81).

Procurou-se até o presente demonstrar que o exposto: “Esmagai A infâmia” proposto por Voltaire foi um combate racional e democrático contra os principais intelectuais de seu tempo, mas Voltaire estende esta militância para a sociedade, com o intuito único de enfrentar os fanáticos religiosos. Esta decisão teve início no período de 1726/1728, quando foi exilado na Inglaterra por questões diplomáticas. Neste período, foi influenciado por Locke, ao ler *A carta a cerca da tolerância* e quando retornou à França escreveu *O Tratado a cerca da Tolerância*. Vejamos como Cronk, aborda este período:

Voltaire passou dois anos e meio na Inglaterra, estudando a filosofia e a ciência inglesas, visitando poetas como Alexandre Popper, Jonathan Swiftⁱⁱ e Eduardo Young e admirando a liberdade sobre a qual uma cultura comercial **de tolerância religiosa** era erguida (CRONK, 2010, p. 63).

Como já foi dito a filosofia de John Locke (1632-1704) é de suma importância para compreender a desenvolvida por Voltaire. Para tanto é necessário apresentar um esboço desta filosofia, dando-se ênfase para *A carta acerca da tolerância*, em que nela Locke relata o declínio da nação Inglesa, que por ter optado por uma política de intolerância religiosa, teve como sequelas declínios financeiros,

perseguições e mortes. No momento que Voltaire havia tomado conhecimento da filosofia de Locke, a Inglaterra já havia se livrado desta política de intolerância, porque, ao contrário da França acatou os conselhos de seus filósofos e ascendia ao sucesso financeiro, científico e cultural, ao passo que a França declinava constantemente em todos eles (Cronk, Nicolas, 2010, p.223;237).

Voltaire foi o filósofo que mais relatou estas qualidades inglesas em seus tratados, panfletos, e outras obras impressas nos anos em que esteve exilado neste país e escrevia nestas obras que a Inglaterra era o país modelo da Europa, cujos modos deveria ser adotados pela França, já que estes cidadãos ingleses eram homens livres e que faziam um bom uso da razão tanto na Moral, como na Política, bem como na Pedagogia, pois foram muito bem educados e influenciados por sábios como Locke e Newton. (POMEAU, René, 1988, p. 83/87 e 101).

Locke concluiu em seu tratado que uma religião só se torna exclusiva, na medida que desenvolve um autoritarismo baseado na força, ameaças, torturas, perseguição e pelo aval dos reis. Tais atitudes seriam contrárias à razão, tendo em vista que os adeptos devem ser conquistados pela persuasão, porque para agradar a Deus é necessário apenas fé. Desta forma, um avarento, um invejoso e aqueles que amam a luxúria podem ser condenados pela Igreja, mas não pelos magistrados, porque tais vícios não causam dano algum à paz pública (LOCKE, Os pensadores, 1993, p. 5-6).

A Separação do Estado da Religião também era outra decisão racional, já que este elaboraria leis para inibir os crimes reais ao passo que aquela os crimes imagináveis. O Estado deveria ser um ente soberano que elaboraria leis imparciais para punir todos aqueles que as infringissem-nas quer seja com a privação da liberdade ou dos bens, (Id., p. 6).

A separação do Estado e Religião proposta pelo filósofo Inglês, não é sinal verde para discriminar as religiões, mas sim o Estado, por meio de seus magistrados imparciais, deveria respeitá-las e permitir a livre permanência delas, porém caso um fiel fosse punido com castigos corporais, o magistrado interviria com rigor, porque neste caso a instituição religiosa infringiu um direito civil do cidadão, mas se o mesmo membro fosse punido verbalmente, ou por uma multa que não lhe despojasse dos bens, ou a exclusão dele do grupo religioso, o magistrado não

poderia intervir nestas decisões, porque tais punições não ferem aos princípios do cidadão (Ibem., p. 8 et. seq).

Se o sacrifício não é permitido no convívio em sociedade, por ser nocivo, da mesma maneira não poderá ser permitido dentro da organização religiosa. Porém, se esta mesma organização desejasse sacrificar um bezerro ou qualquer outro animal, o magistrado não poderia intervir, pois como já foi dito, as leis são elaboradas para proteger os súditos (Id., p. 8 et. seq).

Suponha-se agora que os gados que abastecem a comunidade viessem a sofrer de algum mal e a grande maioria viesse a morrer, logo tal calamidade obrigariam os magistrados a proibir os sacrifícios à animais nos cultos religiosos e tal decisão não poderia ser considerada arbitrária, porque neste caso a lei não foi prescrita por questão religiosa, mas sim por questão política, não sendo o sacrifício no culto religioso errado, mas sim a matança desnecessária do bezerro, que poderia muito bem atender aos súditos para alimentação neste período de dificuldade. (Id., p. 8 et. seq).

Por fim, uma nação formada inteiramente de ateus poderia ser nociva, porque os homens ao se tornarem descrentes não respeitariam os juramentos e pactos que vinculam à sociedade como um todo. A religião se tornaria um mal necessário, já que também funcionaria como um freio moral. Ademais se um ateu decidisse perseguir qualquer religião não poderia reivindicar para si qualquer espécie de tolerância, porque o intolerante não merece para si qualquer espécie de tolerância. (Ibem., p., 23).

4. Justificativas - Voltaire e a Construção da Tolerância

O *Tratado sobre a Tolerância* foi uma das mais importantes obras em prol da luta à tolerância. Nela, Voltaire se mostrou um excelente historiador, relatando diversos acontecimentos marcantes, como o ano de 1572, conhecido como “A Noite de São Bartolomeu”, onde milhares de protestantes foram exterminados por católicos (DURANT, 2001 p. 101), tal acontecimento ainda presente em pleno século XVIII, com protestantes e católicos se perseguindo mutuamente (NASCIMENTO;NASCIMENTO,2005, p. 7).

No capítulo I do livro, descreve a execução do Sr. Jean Calas, ocorrida em 09 de março 1762. Segundo as investigações de Voltaire, o homem executado era um senil de 68 anos de idade, comerciante, com complicações árticas e protestante, assim como toda a família, exceto a criada, que era católica e o filho mais velho recém convertido ao catolicismo, chamado Marco Antonio, e que vivia às custas do pai, porque não havia conseguido se integrar nem nos negócios da família e nem na carreira de direito, o que o levou a ler diversos livros de suicídio (VOLTAIRE, 2008, p. 11 et seq.).

No ano de 1762, um jovem de 19 anos veio passar uma temporada com a família dos Calas. Após o jantar, Pierre Calas – filho do Sr. Jean Calas – foi apresentar a mercearia da família para o visitante e encontraram Marco Antonio Calas enforcado no batente da porta. As autoridades chegaram para investigar o crime, enquanto uma multidão de fanáticos católicos se aglomeravam à porta da residência da família (Id. p. 13),

Durante a investigação, um dos fanáticos gritou que o pai protestante havia matado o filho recém convertido ao catolicismo. A atitude foi suficiente para que a polícia prendesse todos os integrantes da casa. Ao mesmo tempo, as ruas da cidade de Toulouse foram tomadas por uma atitude de euforia, e o suicida foi aclamado como mártir (Id. p. 13 et seq.).

Um Tribunal composto de 13 juízes condenou o réu – Jean Calas – à morte, as filhas foram trancadas em conventos e da esposa do Sr. Calas, lhe foi confiscado os bens. Pierre Calas foi obrigado a renegar sua fé protestante e encaminhado ao exílio e o visitante torturado e liberado. Voltaire, neste tratado quis mostrar que tal julgamento foi ilegal, porque se ninguém no dia do crime saiu da casa, então todos eram culpados e deveriam ter o mesmo fim do Sr. Jean Calas. Ao mesmo tempo, os vizinhos não relataram qualquer espécie de gritaria e a autópsia do cadáver, não constatou nenhuma agressão, ou marca de luta corporal. As reflexões levantadas por Voltaire foram argumentos suficientes para dizer que o Tribunal agiu parcialmente e que deveria se redimir com a família pelo mal que lhes havia causado (Ibid., p.,158).

Voltaire, neste tratado, recorre a Locke quando registra na obra que o Estado deveria ser soberano, mas que em Toulouse havia acontecido exatamente o

contrário, pois a influência da Igreja prevaleceu sobre a decisão parcial dos magistrados estatais. Em 07 de março de 1763, o Conselho de Estado, formado por outros magistrados e pela presença do rei, resolveu atender a denúncia de Voltaire e se reuniram no Palácio de Versalhes. Uma nova investigação foi feita, a qual reconheceu o erro do Tribunal de Toulouse. O rei indenizou a família dando-lhes uma quantia de 36 mil libras (Ibid., p.,120-127 passim.). Voltaire concluiu:

... possa esse exemplo servir para inspirar aos homens a tolerância, sem a qual o fanatismo desolaria a terra, ou, no mínimo, a entristeceria para sempre! Sabemos perfeitamente que se trata aqui de apenas uma família, enquanto a raiva sectária fez perecer milhares (Ibid. p. 127).

Em *O Filósofo Ignorante*, já no primeiro capítulo, Voltaire afirma que o homem não poderia se considerar superior aos animais e nem senhor do universo, tendo em vista que os animais também eram dotados dos mesmos órgãos dos sentidos das mesmas sensações e até um grau considerado de memória, portanto aqueles que diziam que tudo foi feito para os homens se enganariam profundamente, pois os homens são animais como qualquer outro, já que tanto em vida como em morte poderá integrar a cadeia alimentar, na medida que é predado por outros animais. Além do mais, a imensidão do universo não descartaria a possibilidade da existência de outros seres sensíveis vivendo em outros mundos, ao passo que a natureza é completamente independente e continuará presente quer os homens existam ou não (Os Pensadores, Voltaire, p. 299). Vejamos:

Entretanto, não posso afirmar que tal coisa seja impossível, pois percebo planetas, muito superiores ao meu em extensão, rodeados de mais satélites do que a terra. não é inverossímil que estejam povoados de inteligência superiores a mim, e de corpos mais robustos e mais ágeis e duráveis (Id., p., 309).

No capítulo XXXVII de *O Filósofo Ignorante*, Voltaire diz, que os homens começaram a se tornarem intolerantes quando passaram a acreditar nas magias, e em outras superstições; porém houve homens que foram exceção à regra, porque

consideravam que tais crenças eram fábulas para convencer o vulgo, mas que o sentimento de justiça e injustiça é uma *lei universal*, que não se confunde com os costumes. Como exemplo, no capítulo XXXIV, explica ao leitor, que os Romanos Antigos acreditavam que era justo degolar os inimigos, e os selvagens da América devorá-los, mas ambos estavam equivocados. No capítulo XXXVI, diz que uma Lei Universal é igual a Lei da gravidade elaborada por Newton, porque ela agia sobre todos os astros e sobre toda a natureza, sendo admitida e reconhecida pelo uso da razão (Id., p., 321-322).

No capítulo XLIX, Voltaire mostra um novo ponto de vista ao leitor. Se num primeiro momento os Romanos Antigos pareciam intolerantes por degolarem os inimigos, por outro lado, se mostravam *tolerantes*, porque dentro de seu território, nunca haviam derramado o sangue de nenhum homem, ora porque este acreditava na existência do vácuo, ora porque teve uma interpretação distinta ao ler um livro sagrado, portanto este era um exemplo de tolerância que deveria ser seguido pelos homens que viviam no século XVIII (Id., p., 326) .Vejam os:

Nunca os romanos foram tão absurdos a ponto de imaginar que se pudesse perseguir um homem por acreditar no vácuo ou no pleno... por interpretar uma passagem de um autor num sentido diferente do da interpretação de um outro...por que não imitar nossos mestres no hábito da tolerância? (Id., p., 327).

As reflexões contidas nos capítulos LIII até o capítulo LVI, finalizam o livro demonstrando que as crenças em fábulas - como a de Hércules e Orfeu, de Rômulo e Remo e das ressurreição de santos, cujas cabeças decepadas não impediam o corpo de correr atrás delas para recuperá-las - tiveram um fim único: deixar o homem preso à ignorância (Os Pensadores Voltaire, 1994, p. 327).

Em Micromegas temos o viajante interplanetário Sirius, que viaja de planeta em planeta não só para alargar o conhecimento, mas também porque o Mufti (chefe da religião) foi o responsável pela expulsão de Micromegas da corte, porque supôs ter encontrado no livro de Micromegas escritos suspeitos de heresia e conseguiu fazer com que o mesmo chegasse às mãos dos homens de leis, que não

havam lido o livro, mas mesmo assim acabaram por condenar Micromegas ao banimento da corte. Micromegas encontrou consolo viajando de planeta em planeta, pois conhecia muito bem as leis da gravitação e todas as forças atrativas e repulsivas. (VOLTAIRE, *Micromegas et L'Ingenu*, s/d.,p.22/23).

No conto de *Candido*, Voltaire denunciou as práticas da Inquisição, que ainda se faziam presente no século XVIII, além de propor uma discussão racional com o intuito de criticar os costumes atuais e propor melhorias (MALKASSIAN 2005, p 75-76).

Candido é expulso do castelo ao qual vivia, por beijar a filha do barão. Vagando nas ruas, é obrigado ir à guerra. É torturado e presencia crimes de guerra. Consegue fugir em direção à Holanda. Faminto vai pedir ajuda a um padre, que fazia discurso a uma multidão, porém como não soube responder algumas perguntas relativas ao cisma, foi violentamente expulso. É socorrido por um anabatista que lhe proporciona emprego, banho e refeição (VOLTAIRE, 2005,p. 233/234).

Voltaire, quando introduz o padre e o anabatista no conto, tinha como intuito relatar ao leitor, que a moral estaria presente no coração de qualquer homem, independente da fé religiosa. O anabatista socorreu *Candido* no momento em que ele mais precisava (MALKASSIAN, op. cit., p. 75 et. seq.).

Em Lisboa, *Candido* e seu mestre de filosofia Pangloss, presenciaram um violento terremoto, que matou 30 mil pessoas. Ambos se unem aos sobreviventes para ajudar no socorro de vítimas, mas a faculdade de Coimbra os condenam como hereges culpando-os pelos terremotos. *Candido* foi chicoteado e Pangloss enforcado (VOLTAIRE, 2005, p. 238-241 *passim*.).

Voltaire estava convicto de que a terra poderia tremer por diversos motivos, mas por castigo divino esta hipótese estaria descartada, porque seria incoerente para uma Divindade proporcionar mais sofrimento do que prazer com o intuito de punir alguns homens (MALKASSIAN, Gérard, 2005, p. 54/56).

Na sequência, Candido é socorrido por uma velha, que lhe diz ter passado por situação parecida. Na juventude foi sequestrada por traficantes marroquinos e posta num navio com outras mulheres. Em Marrocos, o navio foi atacado por uma facção rival de negros, porque o país vivia em uma constante guerra civil. Os traficantes do navio, foram violentamente mortos e as mulheres partidas ao meio, com exceção dela, que sobreviveu, mas que após a batalha nenhum dos assassinos deixava de fazer suas cinco preces diárias a Maomé (Id., p. 242-252 passim.).

No Paraguai, Candido e seu escravo Cacambo encontram uma canoa, remam sem direção e chegam em Eldorado (Ibid., p., 266). Candido fica surpreso, porque neste País, não havia ateus, mas sim uma pluralidade de seitas, que viviam pacificamente e não se metiam nos assuntos do governo (Ibid., p., 271).

Eldorado era um país em que não existiam nem dogmas, nem padres, e nem rituais, os habitantes adoravam a Deus da melhor maneira que desejavam, e desconheciam por completo a intolerância e as guerras religiosas (NASCIMENTO, 1993, p.34). Este país, nada mais foi do que um estado idealizado por Voltaire, baseado na tolerância, cujo Estado patrocinava o desenvolvimento do comércio e a estabilização de uma sociedade pacífica e abundante (MALKASSIAN, op. cit., 38).

Eldorado seria uma alusão a Inglaterra, país que Voltaire admirava, por ser tolerante e conviver com a pluralidade de seitas. Ao escrever *As Cartas Inglesas*, na sexta carta sobre os *Presbiterianos*, relatou que a Inglaterra era um país livre, que permitia a liberdade de expressão e religião, não havendo conflitos entre os cidadãos, cada um professava a fé que melhor lhe aprouvesse, desde que trabalhassem unidos para o desenvolvimento econômico da Nação (VOLTAIRE, os pensadores, 1994 p. 11).

Em *O Tumulo do fanatismo*, Voltaire diz, que a única preocupação daqueles que estiveram na direção das seitas, era enriquecer e deixar o povo na miséria, porque estes líderes eram trapaceiros, gananciosos e perseguidores sanguinários, quando na realidade, deveriam estar isentos destes vícios, e se preocuparem apenas de entregar as preces dos fiéis a Deus (VOLTAIRE, 2006, p.7 et seq.).

Neste livro, Voltaire diz ao seu leitor, que os árabes foram os primeiros povos a criarem fábulas mitológicas. O povo judeu, originou-se de uma tribo de árabes errantes, e criaram o judaísmo, cujas bases religiosas foram plagiadas dos árabes (Id., p.12;138).

O culto judeu, segundo Voltaire, já se inicia intolerante, porque a comemoração da Páscoa não era apenas para celebrar a fuga do Egito pelo Mar vermelho, mas também para comemorar a morte de todos os primogênitos egípcios, que foram degolados pelas mãos de Deus (Ibid., p.15). No Velho testamento, Deus fez com que o Sol e a Lua parassem, para que os judeus tivessem um dia a mais para matar os inimigos (Ibid., p.29), porém este mesmo Deus, não os livrou do Império Romano, fazendo-lhes de escravos (Ibid., p.35).

De acordo ainda com os escritos de Voltaire, os judeus enquanto permaneceram cativos no Império Romano puderam erigir suas sinagogas e circuncidar seus filhos. Os magistrados romanos eram tolerantes com todas as seitas, desde que nenhuma quisesse dominar a outra, com isto o Império viveu em constante paz (Ibid., p.107). No final do segundo século, o judaísmo já tinha dado origem ao cristianismo, que ao se desenvolver adotou as mesmas fábulas e a intolerância judaica, porque mandava queimar vivo, aquele que professasse qualquer outra fé (Ibid., p.25).

A seita cristã foi a única, no final do século de nossa era, ousou dizer que queria a exclusão de todos os ritos do império e que ela devia não só dominar, mas esmagar todas as religiões. (Ibid., p.108).

Gradativamente o cristianismo foi crescendo e os papas tornando-se senhores da Europa, porque usaram a religião como arma, para derrubar imperadores. Não se expandiram ainda mais, porque no século VII, os muçulmanos os expulsaram de Constantinopla, Ásia, África e de uma boa parte da Europa (Ibid., p.147-149 passim). Voltaire, afirma que o cristianismo provocou cruzadas, massacres, como a Noite de São Bartolomeu, derramamentos de sangue na Irlanda do Norte, na França. O Tribunal Da Inquisição, nem reis, como Carlos I, foram poupados da morte em cadafalsos (Ibid., p.76;152). Voltaire inconformado disse:

Que dizer do Tribunal da Inquisição, que subsiste até hoje? Os sacrifícios de sangue humano que tantos condenam nas antigas nações foram mais raros que aqueles com que os espanhóis e os portugueses se macularam em seus atos de fé (Ibid., p.153).

Voltaire termina o livro dizendo que foi uma pena que os homens durante tanto tempo acreditassem no Cristianismo, que se mostrou uma seita intolerante, cujos representantes se assemelharam a carrascos, ora submetendo os cidadãos à fogueira, à mendicância, outros foram molestados e seus corpos jogados em valas, sem contar os príncipes que foram ou assassinados ou destronados. Para conter tal absurdo, seria necessário esclarecer os leigos, para livrá-los das influências dos padres (Ibid., 158-159).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Dicionário Filosófico, nos verbetes Fanatismo, Inquisição Tortura e Seita, Voltaire, aborda os principais assuntos até aqui tratados. Neles, critica o Estado e a Igreja Católica, porque tanto magistrados e clérigos utilizavam de métodos de torturas nos interrogatórios. A Igreja ia mais além, como exemplo, menciona o Cavaleiro de La Barre, que por ter entoado canções consideradas ímpias e por não ter tirado o chapéu para a passagem de uma procissão, teve a língua e mão direita cortadas e depois queimado em fogo lento (VOLTAIRE, os pensadores, 1994, p. 291/292).

Os padres que compunham os Tribunais eclesiástico, possuíam uma legislação infundada, porque qualquer homem poderia ser aprisionado e seus bens confiscados em proveito dos padres, bastando apenas uma simples denuncia por parte de qualquer pessoa (Id., p. 224). O fanatismo transformava a Igreja, em veneno para o cérebro dos homens, quando na realidade deveria proporcionar um alimento salutar aos fiéis. (Ibid., 182).

No verbete Seita, Voltaire explica ao leitor, que a pluralidade das seitas se deu, tendo em vista as divergências ideológicas dos homens. Cada uma delas, então passou a erguer sua bandeira. As ciências, como por exemplo, a geometria, não admitia a formação de seitas, porque quando uma nova teoria era demonstrada

e sua evidencia comprovada, então esta Teoria refutava as anteriores e passava a ser aceita por todos, não porque se impôs pela força, mas sim pela razão. Voltaire conclui dizendo, que muitos filósofos que tiveram uma religião afirmaram a existência de um Deus e que os homens deveriam segui-lo e serem justos. Tais ensinamentos são as bases de uma religião de caráter universal (Ibid., 282).

Voltaire, após sua morte, tornou-se sinônimo de aversão ao fanatismo, à superstição, e a crença na razão, na tolerância e na liberdade de expressão. Foi considerado como um anticristo, ou um ateu, por ter se oposto ao catolicismo, e por ter dado sua própria opinião sobre questões complexas, como a questão da alma, de Deus, e dos personagens das escrituras sagradas (NASCIMENTO, 1993, p. 2).

Referências

LOCKE, John . *Carta acerca da tolerância* - São Paulo: Abril Cultural, 1993, Coleção Os Pensadores.

VOLTAIRE , François Marie Arouet de. *Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas (1763)* - Porto Alegre: LP&M, 2008.

_____, François Marie Arouet de. *Cartas Inglesas; Tratado de Metafísica; Dicionário Filosófico; O filósofo Ignorante* - São Paulo: Nova Cultural, 1994, Coleção Os Pensadores.

_____, François Marie Arouet de. *Contos e Novelas* – São Paulo: Globo, 2005.

_____, François Marie Arouet de. *O túmulo do fanatismo* – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRONK, Nicolas. *Compêndio Da Cambridge sobre Voltaire* - São Paulo: Madras, 2010.

DURANT, Will. *Os Grandes Filósofos: A filosofia de Voltaire* – Rio De Janeiro, Ediouro, 2001.

NASCIMENTO, Maria das Graças, *VOLTAIRE E O MATERIALISMO DO SÉCULO XVIII* - São Paulo, USP, 1983.

_____, Milton Meira; NASCIMENTO, Maria das Graças. *Iluminismo: A revolução das Luzes* – São Paulo, Ática, 2005.

_____, Maria das Graças de Souza. *Voltaire: a razão militante* – São Paulo, Moderna, 1993.

FORTES, Luis Roberto Salinas. *O ILUMINISMO E OS REIS FILÓSOFOS* – São Paulo: Brasiliense, 1981.

MALKASSIAN, Gérard. *Candide:um débat philosophique* – Paris: Ellipses, 2005.

POMEAU, René. *LA Europa DE LAS LUCES – COSMOPOLITISMO Y UNIDAD EUROPEA EM EL SIGLO XVIII* – México:Navarte, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *NOVO DICIONÁRIO BÁSICO DA LÍNGUA PORTUGUESA* – Rio de Janeiro, 1988.

<http://www.larousse.fr>, com acesso em 01/02/2012 às 19:40 hs.

ⁱ A Igreja católica predominava na França no século XVIII, governava com mão de ferro, anulando casamento, herança e retirando os filhos dos protestantes e entregando-os às famílias católicas (CRONK, 2010, p. 223).

ⁱⁱ Swift também influenciou Voltaire que escreveu o conto de Micromégas, baseado nas Viagens de Gulliver. Para melhor esclarecimento, pode-se consultar: CRONK, 2010, p.44 e DURANT, 2001, p. 41.